ANO 11.º — Sexta-feira, 16 de Agosto de 1918 — Numero 537

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita—Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

O manifesto

—(*)—

Após repetidos anuncios e numerosos adiamentos apareceu, alfim o decantado manifesto, ao país, que o Directorio do Partido Republicano Português resolveu distribuir.

Lamentâmos que as reduzidas proporções deste jornal não permitam reproduzi-lo na integra.

E' um documento digno de figurar junto a tantos outros que *O Democrata* tem arquivado, pois, alêm do mais, encerra declarações que são a confirmação absoluta e completa dos muitos erros, das muitas faltas e do completo alheiamento que, por vezes, desgraçadamente, manteve ante o que de anormal se vinha passando no seio desse acampamento politico.

A intolerancia, a intransigencia dos dirigentes do partido democratico em manifesta oposição com os principios defendidos por ele, abriu irredutivelmente o caminho á situação presente.

Era fatal.

De longe vinham esses erros, iniciados no desagregamento intempestivo da familia republicana e logo a seguir o tristissimo e grosseiro espectaculo de desordem exibido nas pugnas improprias, na linguagem pôdre e repugnante com que se tratavam os homens que foram a alma da propaganda e os heroes da vitória.

Os tres chefes dos partidos, em tão má hora creados, á porfia e por largo tempo se esforçaram em convencer o país que nenhum era digno, era honrado, era patriota.

Lembram-se?

Entre eles, reciprocamente, se trocou a adjetivação mais indigna, mais afrontosa que se póde imaginar e este triste e calamitoso espectaculo, alêm da mágoa profunda produzida no espirito dos que eram, apenas, forçados espectadores, trouxe convulsões bem amargas, que a prudencia e o verdadeiro amor ao regimen poderiam vantajosamente ter evitado.

Vèio a seguir o recrutamento voluntario de toda a escoria que da monarquia, sem rebuço nem receio, entendeu enfileirar na politica republicana.

O partido democratico, na vertigem de alistar, mesmo por captação, o maior numero, foi, sem duvida, o que mais se engrossou e portanto é aquele ém que mais abundam os velhos criminosos.

Bastava a simples declaração de fé, instantaneamente substituida de monarquica para republicana, para que logo tivessem ingresso nas hostes do sr. Afonso Costa, figurando até entre os vultos dirigentes do seu partido, creaturas que nem como simples soldados deviam ser admitidas.

Assim, um grande numero de franquistas, fanaticos e outros adversarios facciosos e provocadores dos principios republicanos, acorreram a filiar-se, exercendo acto continuo a sua perniciosa influencia pessoal, caracterisada por sucessivas ofensas ao regimen, tão inveterados possuiam os defeitos que a tolerancia monarquica jámais se esforçou por extinguir.

Haja vista o sucedido em Aveiro com esses videirinhos de triste figura.

Desta maneira se fixou o partido democratico no Poder estribado numa maioria personalista e facciosa, não sendo pequenos os auxilios que recebeu dos outros partidos, nomeadamente do evolucionista, invocado sempre nas ocasiões solénes em que se apelava para o brio e dignidade nacionais...

Mas como se tudo fosse pouco, ainda vieram mais tarde as intransigencias, as imoralidades redobraram e, estabelecendo por toda a parte conflitos, creou a necessidade inadiavel de pôr ponto a tanto desatino.

E contudo o Directorio achou tudo bem até que a ultima revolução o acordou do seu sono profundo, letargico, perigoso.

Agora sim. Agora é que o Directorio desperta, se sacode, recapitula os factos e as cousas e, com aquela pericia, que pena foi por tanto tempo estivesse adormecida, aponta por cada medida decretada pelo atual govêrno, um crime, um erro, um perigo. Agora sim, agora concorda com a revisão Constitucional; com o respeito que todos merecem, como um principio de ordem e de tolerancia inerente ao regimen, pelas suas crenças religiosas; com o direito que todos os partidos tem á vida politica; reconhece que antes de dezembro se cometeram erros, actos repreensiveis e lamentaveis; admite as lições dos factos e pretende, emfim, que se estabeleça a ordem constitucional, sem violencias, embora vá dizendo que elas serão inevitaveis desde que a tirania e a arbitrariedade se mantenham!

O Directorio diz muito no seu manifesto, diz muitissimo e o acto de contrição não póde ser mais completo.

Só resta saber o melhor: a quem incumbirá da famosa regeneração anunciada, de fórma a que o país acredite na sinceridade das suas palavras, na fidelidade das suas promessas.

E' o principal e por imprescindivel não queremos deixar sem reparo o esquecimento.

SO ELES...

—(*)—

Reproduzimos dum diãrio portuense:

Parece que terminou o alheamento do sr. dr. Afonso Costa perante as lutas politicas. As cartas, cuja apreensão referiram os jornaes, indicam que o chefe do partido republicano português não abdicou, nem desistiu de combater o existente. O espanhol, a quem apanharam as cartas, esteve detido alguns dias e, segundo consta, por mais tempo do que o permitido pela lei. Diz-se que reclamou e soltaram-no na fronteira... Corre que a carta mais importante é dirigida ao snr. dr. Barbosa de Magalhães, afirmando-se que se trata duma resposta a outra do antigo ministro da justiça. O govêrno, consoante se anuncia, propõe-se publicar o documento em zinco-gravura. Os que asseveram tê-lo visto, contam que o sr. dr. Afonso Costa aplaude quaesquer acordos com os outros partidos republicanos, mas sem compromisso algum quanto á formação de um futuro govêrno. Refere-se que ha, porêm, uma pessoa com a qual o presidente do ministerio derrubado pela revolução de 5 de Dezembro não quer combinações: o snr. Machado Santos. Acrescenta-se que o sr. dr. Afonso Costa, na carta apreendida, lhe chama *heroi de lata*, e observa que já custou muito a aturar depois do 5 de Outubro. Ignoro até que ponto sejam exactas semelhantes passagens da carta do chefe do partido democratico, mas creio que as combinações que porventura se realisem no sentido de fazer guerra ao existente não incluem aquele proposito de banir antecipadamente do govêrno os unionistas, como alguns pretendem que se infere da famosa carta. O democratismo puro no govêrno ou, pelo menos, a União Sagrada tal como existia no momento da ultima revolução, classificam-se entre velhos e ponderados republicanos de inofensiva utopia... por estes tempos mais proximos. Dentro do proprio partido democratico, onde já se notavam duas correntes contrarias quanto a processos politicos e governativos, a ideia do snr. dr. Afonso Costa, admitido que ele a exprimisse na mencionada carta, não deparará unanimes aplausos. A reconquista do poder—dizem-no—já se não fará em proveito de um partido unico.

Tudo... sem compromisso, bem entendido quanto á formação dum futuro govêrno democratico—com Barbosa de Magalhães e o mais...

Assim, sim, e valha-nos isso!

"Raid,, aereo

Pilotado pelo alferes Romeu Avila Duro deve passar no domingo pela manhã nesta cidade um aeroplano, que levantará vôo em Vila Nova da Rainha, vindo aqui fazer uma curta *aterrissage* e seguindo depois para Viana do Castelo, onde lhe preparam festiva recepção.

Os colegas francêses do nosso arrojado compatriota contam ir espera-lo ao caminho nos seus aparelhos.

O "Desertas,,

Que no caso de ser desencalhado, o vapor, ex-alemão, *Desertas*, passará, por cedencia da Inglaterra, para os transportes maritimos do Estado.

Se o govêrno espera utilisa-lo na condução do milho de Moçambique, bem podemos ir fazendo testamento... porque nem a alma se nos aproveita.

O TEMPO

Não se vê geitos de vir chuva, antes continua cada vez mais intenso o calôr, que é para acabar com o resto das novidades dos campos.

Nem queremos lembrar-nos da calamidade que se avisinha.

Como assim?

—(*)—

Por uma correspondencia de Coimbra inserta no diário lisbonense *Republica*, sabe-se que o novo governador civil daquele distrito será nomeado por indicação dos monarquicos, que já mostram, por esse facto, certo contentamento.

E não admira que assim seja —acrescenta a mesma correspondencia—pois que o administrador do concelho é o integralista Teixeira Neves, pelo que se vê que, apezar de estarmos em Republica, quem governa em Coimbra são os serventuarios do sr. Aires de Ornélas.

Ora muito nos dizem que o sr. Teixeira Neves está outra vez feito autoridade cancelhia dum regimen que detesta e que de fórma alguma póde servir com honestidade! Nós confessâmos: escapou-nos a nomeação. Porque se de tal tivessemos sabido a tempo teriamos indicado aos republicanos da Lusa Atenas uma maneira facil de o sacudirem de ao pé da porta: era convidarem a companhia do Apolo a representar, na sua presença, o *Martir do Calvario*...

Cá em Aveiro foi o que valeu para nos vêrmos livre de tão conspicuo administrador.

GOVERNADOR CIVIL

Está assinado já o decreto que nomeia governador civil deste distrito o coronel de cavalaria, sr. Custodio Alberto de Oliveira, visto a insistencia do sr. dr. Vasco de Quevedo em abandonar o cargo que tão criteriosamente estava desempenhando.

A posse do novo magistrado só se efectuará, segundo as melhores informações, depois da viagem do sr. Presidente da Republica ao norte.

A' câmara

Queixam-se vários moradores da cidade da fórma como é feita, de madrugada, pelos varredores, a limpêsa das ruas, onde por eles são levantadas espessas nuvens de poeira que não só prejudica os estabelecimentos abertos como encomoda e afecta os transeuntes que a essa hora matutina se dirigem ao mercado.

Com vista á câmara que certamente não deixará de pôr os seus municipes a coberto dos gráves inconvenientes que originam esta reclamação.

GORKI

—(*)—

Anunciou o telegrafo o falecimento do célebre escritor russo, Maximo Gorki, conhecido em todo o mundo pela sua obra social, que espalhou a flux, tornando-se estimado, admirado, respeitado a ponto de passar á posteridade com um nome que enche de gloria a geração a que pertenceu.

Alexis Maximovitch Pechkof, como se chamava propriamente o evangelisador das ideias modernas, *entrou na vida pelo postigo duma roda*—servindo-nos da expressiva e eloquente frase de Junqueiro. Humilde pelo nascimento, creou-se ao acaso, e pois que não teve parentes que lhe guiassem os passos, protecções que o amparassem e lhe déssem arrimo, enveredou por todos os misteres que lhe garantissem o pão quotidiano, tendo sido sapateiro, moço de padeiro, guarda da linha ferrea, carregador, trabalhador nas dócas, nos estaleiros, etc., etc.

Até á quéda do imperio russo viveu no exilio visto que os seus escritos, inspirados nos mais belos principios de humanidade, eram considerados subversivos pela autocracia do seu país. Só depois da revolução decidiu voltar á sua patria e, imiscuindo-se nas lutas politicas, em tão má hora se iniciou, que, segundo todas as probabilidades, cáe varado pelo desvairamento dos seus proprios correligionários.

E' que nem todos, infelizmente, souberam assimilar a moral do esforçado obreiro da reabilitação da Russsia.

PREVENÇÃO

NÓS, abaixo assinados, proprietarios da CASA TALABRIGA, com séde nesta cidade, prevenimos o público e o comercio de que todas as importancias recebidas pelo nosso ex-comissionado, Manuel Mendes Leal, não constam dos nossos livros, pois não o autorisámos a fazer cobrança alguma. Assim, todos os recibos por ele apresentados ou passados, ficam sem efeito, continuando em aberto todas as referidas contas.

Aveiro, 25 de Julho de 1918.

Couto, Prazeres & C.ª

Modificação de contrato

Consta que vai ser por estes dias modificado o contrato feito entre o govêrno e a companhia francêsa para a construção e exploração de caminhos de ferro no estrangeiro, concessionaria do caminho de ferro do Vale do Vouga, para o efeito da construção do ramal da estação desta cidade até ao Côjo, não se sabendo, porêm, em que consiste a modificação.

Só se fôr mais tarde.

CONCORDANDO

De Mayer Garção, jornalista primoroso, correto e delicado, republicano de inabalaveis convicções e lidimo caracter, analisando, na *Manhã*, o manifesto do P. R. P.:

....

Esse manifesto diz: solidariedade, união, concordia. Mas sobretudo diz: vida nova.

....

Desfaçam-se equivocos, eleminem-se odios, veja-se acima de tudo a Republica, e que tão grande seja a coragem para a defender como grande deve ser a noção de ampla tolerancia que a Democracia comporta. Dentro dos principios da Republica todos nos devemos encontrar. Nem um só bom republicano os póde engeitar. Fóra deles é que não ha senão inimigos.

Escusado será dizer que perfilhâmos inteiramente esta doutrina como a melhor que deve ser adoptada pelos republicanos honestos, dedicados e justos.

Vida nova, sim, é tempo e mais que tempo de a inaugurar para honra do regimen sobre que assenta a felicidade de Portugal.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Luz*.

Correio de Aveiro

Acaba de ser colocado no logar de chefe dos serviços dos correios e telegrafos de Aveiro o 1.º oficial da extinta 2.ª circunscrição electrica, sr. João Maria da Rocha e transferida da Mealhada para a estação desta cidade a ajudanta, sr.ª D. Clotilde Cardoso da Cunha.

O sr. Rocha é natural de Ilhavo, tendo já exercido entre nós e na repartição para que volta, diferentes funções.

Uma explicação

sobre a venda de milho pela Câmara

Sr. Redactor:

Peço a fineza de dar publicidade no proximo numero do seu jornal ás explicações que seguem:

Os srs. João Fernandes Lisboa e seu genro Rafael Simões, das Quintans, do nosso concelho, são negociantes de cereais, e, como tais, comprometeram se com Vila Nova de Gaia a fornecer para ali todo o milho que podessem comprar onde o houvesse e as câmaras permitissem a saída.

Disso fui informado, e, de facto, no caminho de ferro, do sul para Gaia, estavam passando alguns vagons de milho do Alemtejo.

Nessa ocasião fui procurado pelo ex.mo sr. Henrique Rato, como representante da fabrica de moagens, desta cidade, Cristo, Rocha, Miranda & C.ª, para me dizer que dentro de oito dias a farinha de milho que a fabrica tinha, a unica que era vendida ao publico, acabaria.

Então, falei com meu irmão para ele pedir ao snr. Lisboa, de quem era amigo, para que, do milho destinado a Gaia, trouxesse algum para o concelho de Aveiro, mesmo que o vendesse por sua conta. Depois de algumas hesitações, o sr. Lisboa acedeu, combinando-se que o milho seria vendido com permissão da Câmara, á razão de 4$50 cada vinte litros.

Nesta ordem de ideias, requisitaram-se guias de transito ao Ministerio das Subsistencias, as quais nos foram enviadas, em numero de vinte, da estação de Ponte de Sôr para Aveiro, correspondentes a vinte vagons. Dessas guias, forneceram-se quatro ao sr. Rafael Simões.

Passados poucos dias, soubemos que esse milho, que ainda não tinha partido do Alemtejo, fôra pretendido pela fabrica Cristo, que o não chegou a adquirir, por lhe não convir o dito preço de 4$50. Assim, o sr. Rafael Simões continuou na intenção de vender o cereal por sua conta no concelho de Aveiro e não em Gaia, **para onde era destinado.** No dia seguinte, foi chamada a minha atenção para a circunstancia de, em virtude dos regulamentos em vigor, poder ser apreendido o milho que desembarcasse em Aveiro e não fosse vendido ao preço da tabela, isto é, á razão de 2$40 os vinte litros.

Se assim acontecesse, o sr. Rafael Simões ficaria sem milho e sem dinheiro.

Nestas condições, entendi dever prevenir lealmente o homem de que não podia assumir a responsabilidade de qualquer apreensão que possivelmente lhe fosse feita.

Em virtude disto, o sr. Rafael Simões sustou a vinda do milho e **restituiu á Câmara as guias que lhe haviam sido dadas, as**

quais, não sendo utilisadas, estão em poder dela.

Estando eminente a falta de pão, marchei imediatamente para Lisboa (escuso de dizer que fui á minha custa) para conferenciar com os ex.mos srs. Ministro do Interior e Governador Civil de Aveiro, que na conjuntura se encontrava na capital, e lhes pedir autorisação para se comprar e vender milho e açucar pelos preços minimos porque a Câmara os podesse obter; do contrario, ser-me-ia impossivel continuar á frente do Municipio, faltando o primeiro alimento, embora houvesse dinheiro.

Ss. ex.as, depois de ponderarem bem a situação, acederam ao que lhes impetrei.

Comigo foi o sr. Henrique Rato afim de que, no caso de sermos, como fômos, bem sucedidos, aquele senhor agenciasse sem demora todo o milho que podesse comprar. Eu regressei a Aveiro e ele ficou em Lisboa, mas não poude, infelizmente, conseguir nenhum milho.

Em tais circunstancias, que facil é avaliar, tive de pedir ao sr. Lisboa a fineza de comparecer na primeira sessão camararia, de 1 do corrente, onde publicamente e com o voto de todos os membros da Comissão Administrativa, se lhe compraram tres vagons de milho ao anterior preço de 4$50 os 20 litros, posto na estação de Aveiro, fechando-se o contracto com 500$ que se lhe déram de sinal.

Desses tres vagons de milho está a Câmara á espera.

Eis como os factos pura e simplesmente se teem passado, e se alguem quizer dizer que o que acabo de narrar não é a exacta expressão da verdade, que apareça a contesta-lo.

Aveiro, 12 de agosto de 1918.

Lourenço Simões Peixinho

ALARME

Pelas 4 horas da madrugada de sabado foram chamados os socorros dos bombeiros para o logar da Prêsa, onde o fogo se estava desenvolvendo em tres mêdas de palha que o sr. Inocencio Esteves tinha armazenadas numa propriedade que ali possue.

Ha desconfianças de o incendio não ter sido casual.

ANIVERSARIO

Fez ontem 82 anos o respeitavel cidadão sr. Antonio Maria dos Santos Freire.

Nasceu a 15 de Agosto de 1836, iniciando os seus estudos com destino á vida eclesiastica.

Tendo recebido ordens menores, que, por circunstancias que nos não cabe tornar publicas, abandonou, seguiu depois o magistério, que por largos anos serviu, com reconhecida dedicação e dispensa de valiosos serviços.

O seu nome é ainda citado com respeito e veneração entre a nobre classe do seu tempo, que tanto engrandeceu, destacando-se pela sua actividade e perseverança.

A sua acção politica foi favoravel ao partido progressista, que serviu, sendo devotado auxiliar na obra fecunda do falecido chefe local Manuel Firmino. Actualmente é democratico, campo politico onde ingressou a familia do extincto, achando-se o sr. Freire, como não podia deixar de ser, no grupo de que é dirigente o *ilustre homem publico*, dr. Barbosa de Magalhães.

O sr. Freire, apezar de tão provecta idade, não tem um cabelo branco e a sua figura erecta e activa, o aprumo da sua pessoa, a lucidez absoluta do seu espirito, dá-nos a impressão de que não passaram por cima da sua cabeça tão avultado numero de aniversarios.

Com os nossos parabens os votos mais ardentes que fazemos, como discipulos do sr. Freire, ha mais de 30 anos, para que a sua existencia se prolongue, quanto mais não seja, por outro tanto tempo com a mesma frescura.

RECTIFICAÇÃO

A casa onde vão ser instalados os escritorios da firma Borges & Irmão, do Porto, na Rua Coimbra, não foi adquirida por estes, mas sim pelos seus representantes nesta cidade, srs. Salgueiro & Filhos.

Assim rectificamos a noticia que neste sentido démos no ultimo numero.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Prisioneiros portuguêses

Foi na ultima segunda-feira entregue ao Chefe do Estado uma mensagem na qual as familias dos nossos prisioneiros de guerra solicitam a dispensa dos cuidados que a situação daqueles inadiavelmente exige.

Assim, nesse documento, faz-se sentir a necessidade imediata da intervenção do Estado a favor dos portuguêses que se acham em poder dos alemães, fazendo-lhes chegar todos os socorros que precisem, isto sem descurar a repatriação dos reconhecidamente invalidos, o internamento, num país neutro, dos doentes e feridos cuja vida perigue por falta de tratamento; a troca; a organisação dum serviço especial por conta do Estado, com delegação na Suissa, de maneira a assegurar e a facilitar as relações entre elas e os seus prisioneiros, e o abono imediato a todos que se encontrem nas condições de o receber.

Como decorreu o emocionante acto relativo á entrega da mensagem, descreve-o um importante diário alfacinha da seguinte maneira:

O sr. dr. Sidonio Paes recebeu, em Cintra, as senhoras que, em numero de 12, representavam a comissão protetora dos prisioneiros de guerra portuguêses e iam entregar ao Chefe do Estado a mensagem, de cujo texto dâmos uma idéa no nosso artigo editorial de hoje. Acompanhava a comissão a sua presidente, sr.a D. Livia Magalhães Coutinho Fachada, e a secretária geral, sr.a D. Maria del Pilar Santos Nogueira, que foi a encarregada de lêr e de entregar a mensagem, escrita em pergaminho, tendo apensas numerosas assinaturas de mães, esposas, filhas e irmãs de prisioneiros de guerra, e encerrada numa linda pasta, em que predominavam as côres nacionaes.

Se a leitura foi feita sob uma grande comoção, foi escutada sob outra não menor. Terminada ela, o Chefe do Estado, em cujos olhos mal se reprimiam as lagrimas, animou aquelas dedicadas senhoras com palavras que elas nunca mais poderão esquecer, tal era o seu cunho de sinceridade e de interesse pela santa causa que ali as levava. Prometeu-lhes tudo o que era possivel fazer a um Chefe de Estado junto do seu govêrno para que a situação dos nossos prisioneiros fôsse melhorada. Em bréve partiria para a Suissa um delegado do govêrno com poderes para tratar e resolver todas as questões de interésse para eles, e aos oficiaes iam ser abonados os seus soldos para mais desafogo da sua vida. Que o govêrno aliás não descuidára, como parecia, a sorte dos portuguêses na Alemanha, pois tem feito por eles quanto póde, atentas as várias dificuldades de caracter internacional que ha a vencer.

Depois apertou afetuosamente a mão a todas as senhores e têve para com as mães dos modestos soldados a mesma carinhosa deferencia que têve para com as esposas dos oficiaes. A todas fez perguntas e informou-se dos entes queridos que tinham prisioneiros. Não houve nenhuma que se não sentisse impressionada até ás lagrimas com este interesse espontaneo pela sua dôr, guardando dele recordações que hão-de ser dificeis de apagar.

Notas mundanas

A fazer uso das aguas está nas Pedras Salgadas o sr. David Bernardo, digno chefe da estação do caminho de ferro de Alcantara Terra, Lisboa.

— Regressou de Caldélas á sua casa de Cacia o sr. José Simões Carrêlo.

— Das mesmas termas a esta cidade a sr.a D. Candida de Carvalho Peixinho.

— De Vidago veio, com tenção de partir em bréve para a Costa Nova onde permanecerá até fins de Outubro, o nosso presadissimo amigo Francisco Vieira da Costa.

— Já se encontra na praia do Farol a esposa e filhos do esclarecido clinico de Fermentélos, sr. dr. Roque Ferreira.

— Pela bôa classsficação obtida no exame do 2.º gráu felicitâmos a menina Inocencia Mendes Agra assim como seus extremosos paes, os estimaveis ilhavenses D. Maria Mendes Agra e Antonio da Rocha Agra.

— De visita a sua familia, residente em Albergaria-a-Velha partiu para ali com sua esposa e filhos, o capitão de infanteria Gaspar Ferreira, recentemente chegado de Africa.

— Fez ontem as suas 7 risonhas primaveras a galante Maria Helena, dilecta filha do nosso velho amigo e distinto clinico municipal, com residencia na Costa de Valado, sr. dr. Abilio Marques.

Com os nossos parabens, sincéros votos porque a data se repita por dilatados anos sem ter a empana-la o mais insignificante desgosto.

— Vindo do Gerez reassumiu a direcção da sua casa indussrial, o sr. José Almeida dos Reis.

Carta aberta ao snr. Governador da India

Ex.mo Senhor

Sangra-me neste momento o coração, indignado por uma afronta sem nome.

Sinto-me humilhada na minha alma de portuguêsa, e só dirigindo a Vossa Ex.a esta carta, poderei calmar esta ferida tão levianamente aberta na alma de todos que, como eu, sintam em si o amor sagrado da Pátria, amor capaz de todos os sacrificios com que, por minha parte, me sentiria honrada. O caso que tanta dôr e indignação me causa, é suficientemente narrado numa noticia do *Heraldo*, o excelente diário de Pangim, referindo um festejo havido nas praias de Caranzalêm.

Lida essa noticia, Vossa Ex.a sentirá, como eu, a mesma dôr indignada.

Mas..: devaneemos um pouco, para que a mão seja mais firme e a razão mais clara.

Não ignora Vossa Ex.a que vem dos tempos medievais o emprêgo da chocarrice para distrair os animos preocupados com os casos sérios da vida dos homens, desde os senhores aos peões. Nas côrtes riais havia o especial emprêgo — para infelizes criaturas a quem a natureza marcava com qualquer defeito fisico — de bôbos, garridamente vestidos de côres berrantes e guisos chocalheiros. Assim se distraiam, entre os trabalhos da guerra para que estavam sempre prestes, ss nossos reis e os alheios com os seus homens de armas.

Alguns desses bôbos ficaram vinculados á história por proeza; de discernimento muito superios ao mister em que eram ocupadosr assim, Alexandre Herculano nos patenteia, em páginas brilhantes de revivescencia histórica, o bôbo que fôra de Afonso Henriques, e que tão atiladamente precedia quando se punham em jôgo coisas de coração. Porque, até os bôbos, não eram destituidos desse musculo nem dos seus movimentos afectivos: haja vista o da partitura de Verdi.

Nos tempos atuais, e depois de proclamada a Deusa Razão da república idealista — de qual deusa, mesmo despida de toda a idea mitológica, todos nós e cada um de nós deve sentir o império na consciencia — já se não compreende que a chocarrice tenha campo de acção fóra dos circos teatrais ou dos terreiros de aldeia, onde a turba humilde desaltera o cansaço dos seus musculos exaustos pelo trabalho, para rir inocentemente dos saltos e voltas dos pobres palhaços de feira.

Não se póde compreender, portanto, nem se compadece com a situação do momento atual, que haja *simulacros cómicos de actos seríssimos* onde se joga a vida com bravura para salvar a existencia de nações seculares. Simular guerras com *foguetes de assobio, sorvetes de morango e bailados*, num momento em que no chão assolado das nações se abrem valas para *enterrar milhares de zoldados mortos pela honra de Portugal*, **não é de portuguêses!**

Senhor Governador da India!

Neste pequeno torrão do Oriente, que bebeu tanto sangue heroico, que foi conquista e residencia de Afonso de Albuquerque, o honrado e estoico portugu's, que morreu, ferido de ingratidão, em frente da Aguada, nessa barra do Maudovi picada de monção, residem, pagos galhardamente pelo povo da India que trabalha, algumas dezenas de briosos oficiais de mar e terra em pleno vigor fisico, sequiosos de combaterem pela glória da Pátria!

Aqui não ha exercito que justifique a sua inactiva permanencia; não ha navios de guerra para entreter tão briosos marinheiros!

Atravessando o Indico, temos nas fronteiras do distrito de Moçambique, muito logar onde eles se cubram de gloria, dando expansão condigna á sua actividade belicosa. V. Ex.a o sabe praticamente quando na foz do Rovuma comandou energicamente o nosso *Adamastor*. Lá estão chegando marinheiros nossos e entre eles teem honroso cabimenta os marinheiros estacionados em Gôa, onde não ha inimigos a combater nem perigos a vencer de onde lhes venha gloria.

Snr. Governador:

Para o seu coração e seu caracter nunca desmentido de português honrado e de laureado marinheiro, apelo neste momento, convencida da rectidão do meu apêlo, que deve encontrar éco nos corações ocultos nas fardas agaloados daqueles para quem peço justiça!

Margão, 25—5—918.

Florencia de Morais

E' bem duma portuguêsa a carta que aí fica transcrita de um conceituado jornal da India e em que a sua autora deixa transparecer nas entre-linhas assomos de revolta pelo que impunemente se consente de desprimoroso para a Patria, no momento critico em que irmãos nossos derramam o seu sangue pela honra de Portugal.

Não lhe acrescentando mais nenhuma linha, esperâmos, todavía, que o govêrno da metropole tome dela conhecimento, visto tratar-se de coisas sérias, com as quaes se não deve brincar.

O mercado

Terminando no proximo dia 27 o praso para a entrega do *canudo* do Côjo aos cavalheiros que, por arrematação, o adquiriram para negocio, visto termos chegado a tempo de até a sucata render dinheiro, a Comissão Administrativa Municipal trata de fazer construir, no ilhote, um abarracamento apropriado para a venda provisoria de hortaliças, legumes, frutas, carnes e tudo o mais que costuma afluir para abastecimento da cidade, devendo os trabalhos estarem concluidos talvez antes da mencionada data.

E o medalhão? Onde tenciona a Câmara colocar essa reliquia simbolica depois de ser apeada?

FARTURA

O governador geral de Moçambique fez sciente o govêrno da conveniencia em mandar ali um transporte afim de conduzir para a metropole uma grande quantidade de milho que se acha armazenado e em riscos de apodrecer—eis a sensacional noticia que agora apareceu e é confirmada por amigos nossos recentemente chegados daqnela possessão ultramarina.

Falta apenas saber quaes sejam as disposições do govêrno e se está ou não pronto a enfrentar, como deve, a crise das subsisteucias. Nas nossas colonias ha milho, ha açucar e ha muitos outros produtos em abandancia tal que só por si bastariam para prover ás necessidades da metropole se fôssem convenientemente aproveitados. Pois bem: que o govêrno se capacite das grandes responsabilidades que sobre ele impendem se não tratar, quanto antes, de acudir aos terriveis momentos que, por falta de substancias alimentares, de nós se aproximam a passos agigantados.

Deve ser classificado como o maior crime da atualidado se o milho de Moçambique chega a apodrecer, atulhando os armazens.

Telegrafia

ESPINHO, 9, ás 15 h.

Acompanhado dum alto ministro da religião, que seguiu para o norte, desembarcou nesta praia, vindo das bandas do Olho d'Agua, o eminente testa de ferro do jornalismo aveirense, Mariano do Sacramento.

Apesar da inesperada vinda do notavel escritor... de cintas, a noticia espalhou-se rapidamente e logo á morada do nosso ilustre hospede convergiu tudo quanto de melhor ha na sociedade, tendo s. ex.a para todos frases de alta concepção e transcendente filosofia, só proprias dos grandes e elevados espiritos, como o seu.

Além das inumeras pessoas que nos não foi possivel apontar, lembra-nos ter visto o marquez de Silfilde, condes de Artois, da Silveira, de Espinho, de Bonmarché, barão de Quincôlhes, deão da Sé e respectivo *cabide*, representantes das confrarias constituidas, como a de S. Francisco, Santo Euprépio, Santo Agapito e a do Santissimo, quasi na sua totalidade, assim como todas as autoridades civis, militares e eclesiasticas a banhos nesta praia. Numa palavra: posso afirmar, sem erro, que toda a população de Espinho foi saudar, num entusiasmo indiscritivel, o excelso visitante que a preferiu este ano para passar a estação calmosa.

A' noite iluminaram várias fachadas de edificios publicos e particulares e na impossibilidade absoluta de se conseguir uma banda de musica, para o que até se telegrafou para o Porto, donde só poderia vir, á hora desejada, uma orquestra de capela, esteve em frente da residencia do grande estilista um Sol e Dó, muito afinado, que executou magnificas peças durante bastante tempo, entre os aplausos duma consideravel multidão.

Preparam-se mais festejos em honra do nosso hospede e do que se fôr passando informarei.

Gil

ESPINHO, 10, ás 17 h.

Esta manhã apareceram embandeiradas muitas casas, havendo um grande movimento pelas ruas e na praia, onde todos tomaram banho, como o costume.

Está a constituir-se uma comissão para a realisação dum grande festival, parecendo que tambem haverá uma sessão solène na Assembleia ou no Teatro, *Te-Deum*, seguido de visita aos templos, afim de serem apresentadas todas as irmandades, especialmente a do Santissimo, da qual os irmãos se esforçam por prestar uma homenagem condigna e correspondente á grandêsa da figura e da notabilidade que se digna chegar até eles.

Como na proxima segunda-feira, 19, é o dia de S. Mariano, confessor e ermitão, pensa-se em escolher esse dia para as novas homenagens a prestar a Mariano do Sacramento de quem fará o panegirico talvez um digno discipulo do padre João Borracha, célebre entre os mais célebres oradores de Aveiro antigo.

A delegação da *Sociedade Protectora dos Animaes* realisa nesse dia tambem uma sessão solène, esperando-se que venha discursar o afamado bacharel que viu partir para França os nossos soldados *a chorar como num dia de sol a chover!*

O entusiasmo é grande e tudo quanto Espinho possa fazer em honra do seu hospede é pouco, muito pouco, pouquissimo mesmo, para o que ele merece.

Foi agora telegraficamente pedida a vinda de alguns taquigrafos para a reprodução das orações que se devem pronunciar, especialmente a do imponente jornalista ao serviço do P. R. P.

Gil

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 14

Após uma prolongada ausencia no Rio de Janeiro, chegou á sua aprazivel vivenda de S. Bento, no goso de perfeita saúde, o nosso amigo e considerado conterraneo, sr. Antonio de Carvalho, representante duma familia das mais respeitaveis da localidade.

Com os nossos cumprimentos receba o recem-chegado tambem os protestos da estima a que tem jus pela generosidade dos seus sentimentos.

— Vitima da tuberculose deixou de existir na Oliveirinha uma galante rapariga de nome Leopoldina Rita de Jesus, contando apenas 21 anos de edade. Era filha de Albano Paralta, que a doença egualmente prostrou não ha muito ainda.

Que descance em paz.

— Veio passar uma temporada á sua casa da séde da freguezia, o sr. Benjamim Marques Diniz, com residencia habitual em Lisboa.

— Consorciou-se com uma simpatica filha, Augusta, se chama, do opulento lavrador da Oliveirinha, sr. Elias Mostardinha, já falecido, o snr. Elias Fernandes Vieira, ali de S. Bento.

Muitas felicidades.

— Retirou para a capital o sr. dr. Arnaldo de Almeida Vidal, nosso ilustre conterraneo e amigo.

—Tomou posse a nova encarregada da estação telegrafo postal desta localidade, sr.a D. Olinda Tavares Pinto.

—Retirou com sua familia para Lisboa, tendo tido, previamente, a gentilêsa de nos vir apresentar as suas despedidas, o dedicado amigo de *O Democrata*, sr. José Rodrigues Ferreira, que naquela cidade ficará aguardando ordens para voltar ao C. E. P.

Muitas felicidades. C.